



# PANDEMIA E RESILIÊNCIA DE BAIRRO - INVESTIGAÇÕES SOBRE A FORMA URBANA, CONJUNTURA SOCIOPOLÍTICA E VIDA SOCIAL DA GRANDE JACAREPAGUÁ (ST01)

**Patrícia Maya- Monteiro**

Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROURB e MPAP / FAU-UFRJ | pmaya@fau.ufrj.br

**Wagner Barboza Rufino**

Departamento de Arquitetura e Urbanismo / ESDI / UERJ; MPAP / UFRJ | wrufino@esdi.uerj.br

**Thalles Alexandre da Silva Amaral**

Universidade Federal do Rio de Janeiro / FAU-UFRJ | thalles.amaral@fau.ufrj.br

**Mateus de Paiva Alves Antonio**

Universidade Federal do Rio de Janeiro / FAU-UFRJ | mateus.antonio@fau.ufrj.br

---

## Sessão Temática 01: Produção do Espaço Urbano

---

**Resumo:** Este trabalho faz parte de pesquisa sobre a resiliência urbana de bairros da cidade do Rio de Janeiro diante da pandemia. Aqui, discutimos as associações entre forma espacial, conteúdo social, orientação política-eleitoral e contágio pelo Covid-19 em onze bairros da Baixada de Jacarepaguá, localizada na Zona Oeste da cidade. Este território, que denominamos como Grande Jacarepaguá, abrange áreas formais de usos híbridos nos quais habitam estratos sociais de baixas, médias e altas rendas; territórios populares de favelas e loteamentos; áreas industriais e áreas de proteção ambiental nas encostas. Três questões foram centrais na motivação e estruturação do trabalho: (1) a questão da densidade urbana e de outros aspectos da configuração do espaço urbano na distribuição da pandemia; (2) os efeitos que as adesões políticas ao discurso negacionista tiveram no respeito às recomendações sanitárias nestes recortes espaciais; e (3) a vida social, pelas circunstâncias de contato e convívio entre pessoas e grupos nos espaços públicos e coletivos, pela disponibilidade e distribuição destes espaços e pelo comportamento social pandêmico.

**Palavras-chave:** resiliência de bairro, pandemia, densidade urbana, bairros cariocas, negacionismo científico.

## PANDEMIC AND NEIGHBORHOOD RESILIENCE - RESEARCH ON THE URBAN FORM, SOCIOPOLITICAL CONTEXT AND SOCIAL LIFE OF THE GREATER JACAREPAGUÁ REGION

**Abstract:** *This paper is part of a research project on the urban resilience of neighbourhoods in the city of Rio de Janeiro in the face of the pandemic. Here we discuss the associations between spatial form, social content, political-electoral orientation and Covid-19 contagion in eleven neighbourhoods in the Baixada de Jacarepaguá, located in the city's West Zone. This territory, which we call Grande Jacarepaguá, encompasses formal areas of hybridised uses in which low-, middle- and high-income social strata live; popular territories of favelas and informal allotments; industrial areas and environmental protection areas on the hillsides. Three issues were central to motivating and structuring the work: (1) the question of urban density and other aspects of the configuration of urban space in the distribution of the pandemic; (2) the effects that political adherence to the denialist discourse had on respect for health recommendations in these spatial areas; and (3) social life, due to the circumstances of contact and coexistence between people and groups in public and collective spaces, the availability and distribution of these spaces and pandemic social behaviour.*

**Keywords:** *neighbourhood resilience, pandemic, urban density, carioca neighbourhoods, scientific denialism.*

---

## PANDEMIA Y RESILIENCIA BARRIAL - INVESTIGACIONES SOBRE LA FORMA URBANA, EL CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO Y LA VIDA SOCIAL DEL GRAN JACAREPAGUÁ

**Resumen:** *Este artículo forma parte de un proyecto de investigación sobre la resiliencia urbana de los barrios de la ciudad de Río de Janeiro frente a la pandemia. Aquí discutimos las asociaciones entre forma espacial, contenido social, orientación político-electoral y contagio de Covid-19 en once barrios de la Baixada de Jacarepaguá, localizada en la Zona Oeste de la ciudad. Este territorio, que denominamos Grande Jacarepaguá, engloba áreas formales de usos híbridos en las que viven estratos sociales de renta baja, media y alta; territorios populares de favelas y otras zonas informales; áreas industriales y áreas de protección ambiental en las laderas. Tres cuestiones fueron motivan y estructuran el trabajo: (1) la cuestión de la densidad urbana y otros aspectos de la configuración del espacio urbano en la distribución de la pandemia; (2) los efectos que la adhesión política al discurso negacionista tuvo sobre el respeto a las recomendaciones sanitarias en esas áreas; y (3) la vida social, por las circunstancias de contacto y convivencia entre personas y grupos en los espacios públicos y colectivos, la disponibilidad y distribución de esos espacios y el comportamiento social pandémico.*

**Palabras clave:** *resiliencia del barrio, pandemia, densidad urbana, barrios cariocas, negacionismo científico.*

## INTRODUÇÃO

A partir de dezembro de 2019, o coronavírus SARS-CoV-2 encontrou um ambiente propício para se distribuir pelo mundo, em parte por sua elevada transmissibilidade, em parte por conjunturas socioculturais e políticas que contribuíram para sua disseminação e decorrentes mutações. Nos interessa aqui explorar as causas da disparidade do contágio em diferentes escalas urbanas, notadamente naquelas locais, de bairros.

A pandemia foi uma grave crise de delimitação temporal específica, com um período emergencial de janeiro de 2020 a maio de 2023 (OPAS, 2023). A investigação dos seus modos de disseminação nas cidades se mantém relevante, tanto para que se compreenda este momento da história urbana, quanto para a gestão de ações públicas ou coletivas em eventuais conjunturas sanitárias ou climáticas que venham a se dar futuramente. Além disso, a própria compreensão do caráter urbano e identidade de cada bairro associadas aos dados epidemiológicos podem nos servir de chaves de sentido e instrumentos de compreensão acerca de vulnerabilidades da vida urbana. Como apontou Santos, em março de 2020, a pandemia evidencia as conjunturas sociais e políticas em que se instala: há uma “pedagogia do vírus”.

Este trabalho faz parte de pesquisa sobre a resiliência urbana de bairros da cidade do Rio de Janeiro diante da pandemia, contrastando com dados e processos urbanos. Buscamos identificar como aspectos da morfologia urbana, como configuração, densidades, centralidades, fluxos e dinâmicas, e do conteúdo social, como: a vida urbana, índices sociais, as vinculações políticas, as ações solidárias e os usos e apropriações dos espaços públicos—podem estabelecer correlações com as taxas de propagação do vírus. A elaboração das análises vem se constituindo a partir do cotejamento de dados quantitativos com a observação de dimensões qualitativas constituintes ou constituídas em virtude da pandemia.

Especificamente, aqui se discute as associações entre forma espacial, conteúdo social, orientação política-eleitoral e contágio pelo coronavírus em onze bairros da Baixada de Jacarepaguá, localizada na Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro, a saber: os bairros do Anil, Cidade de Deus, Curicica, Freguesia de Jacarepaguá, Gardênia Azul, Jacarepaguá, Pechincha, Praça Seca, Tanque, Taquara e Vila Valqueire.

Denominamos o recorte espacial estudado como Grande Jacarepaguá, um território que abrange áreas formais de usos hibridizados nos quais habitam estratos sociais de baixa, média e alta renda; territórios populares de favelas e loteamentos; áreas industriais e áreas de proteção ambiental nas encostas. Aqui, lançaremos luz e esforços sobre estes bairros, com o propósito de compreender os impactos da pandemia nessas localidades de intrínsecos aspectos e de diferenciadas estruturas morfológicas, biofísicas e sociais, buscando compreender a relação entre lugar de moradia, sua constituição socioespacial, e os efeitos da predominância de orientação política-eleitoral no contágio pela COVID-19.

Três questões foram centrais na motivação e estruturação do trabalho: (1) a questão da densidade urbana e de outros aspectos da configuração do espaço urbano na distribuição da pandemia; (2) os efeitos que as adesões políticas ao discurso negacionista tiveram no respeito às recomendações sanitárias nestes recortes espaciais; e (3) a vida social, pelas circunstâncias de contato e convívio entre pessoas e grupos nos espaços públicos e coletivos, pela disponibilidade e distribuição destes espaços e pelo comportamento social pandêmico.

Este trabalho esboça estas questões no contexto pandêmico, e apresenta a metodologia da investigação e as discussões da pesquisa sobre a resiliência urbana da cidade do Rio de Janeiro na pandemia. Nesta escala, aponta as correlações estabelecidas entre forma urbana, dados epidemiológicos e contexto sociopolítico. O texto também traz uma breve caracterização do recorte espacial em que se conduz as análises empreendidas na escala dos bairros da Grande Jacarepaguá na pandemia, esboçando aspectos da relação entre forma urbana, contexto sociopolítico e vida social.

## CONTEXTO PANDÊMICO

Para nossos objetivos, entender o contexto geral da pandemia significou buscar como a questão das densidades e da forma urbana, das adesões políticas, dos dados sociais, do habitus e dos comportamentos em ambientes coletivos nesse período da história urbana se deram nos bairros da cidade.

A pandemia trouxe à pauta do planejamento urbano discussões sobre o direito à cidade, em especial no que se refere ao acesso à saúde, às desigualdades sociais, à segregação socioespacial, às relações de trabalho, ao acesso à habitação, à mobilidade urbana, às relações de trabalho e sobre o convívio nos espaços públicos. Inicialmente, ideias antiurbanas permearam o debate nas mídias, com uma precipitada e revisitada associação da alta densidade populacional à provável maior incidência de casos de COVID-19, dando a inferir que o planejamento urbano deveria priorizar a dispersão urbana como uma das soluções para epidemias e pandemias. Em parte, isto se deveu ao fato de que as primeiras infecções foram registradas em uma grande e conectada metrópole chinesa, expandindo-se através dos fluxos globais para as demais metrópoles mundiais, receptoras dos primeiros casos, com impressionantes números iniciais absolutos de contágio. Um argumento que rapidamente se desvaneceu; pois, seja pela gestão pública centralizada, seja pela disciplina internalizada ou imposta; os níveis de contaminação e a mortalidade do vírus foram drasticamente reduzidos nas densas metrópoles da China e de outros países asiáticos.

Sabe-se que altíssimas densidades urbanas efetivamente podem propiciar problemas epidemiológicos, sendo este um dos fatores que gerou reformas urbanas sanitárias nos séculos passados. Mas a cultura, a tecnologia, as conexões globais, as condições sanitárias, da ciência e da vida pública não são as mesmas do higienismo do século XIX, ou das questões urbanas do início do Movimento Moderno em arquitetura dos anos 1920. Claro, em áreas vulneráveis de excessiva densidade construída e populacional, informais e com problemas de

infraestrutura, há ainda hoje doenças comuns ao contexto novecentista. Note-se, porém, que, inversamente, para o planejamento, maiores densidades urbanas podem ser vantajosas para uma diminuição dos custos de provisão de saneamento (Acioly; Davidson, 1998).

Maya-Monteiro, Marino e Rufino (2021), que realizaram associações multifatoriais, demonstraram a fraca correlação entre densidades populacionais urbanas e contágio. Raquel Rolnik (2020) constata, em pesquisa sobre a cidade de São Paulo, que regiões nas quais foram identificados grandes números de origens de viagens realizadas em transporte público tiveram maior incidência de casos de COVID-19, mas que essa correlação não seria diretamente proporcional ao se observar os territórios com a lente da densidade populacional. Ainda assim, salientamos que a presença de intensos fluxos urbanos e aspectos culturais que interferem nas atitudes públicas e no autocuidado têm aparecido como fatores relevantes.

Para Porto-Gonçalves, Rocha e Trindade (2022) a região do Pacífico Oeste, onde estão localizados China, Japão e as duas Coreias, mesmo com aproximadamente um quarto da população do planeta, apresentou comportamento e resultados distintos acerca da contaminação comunitária, com menor gravidade. Naquela região, assim como no Sul-Sudeste Asiático, haveria uma prevalência de relações comunitárias tradicionais menos individualistas, orientadas ao coletivo, à sua preservação e à preservação de seus costumes, em que se incluem seus sistemas de autoridade. Mesmo que absolutamente inseridos nas dinâmicas e fluxos globais, tais aspectos os distanciaram do ocidente, sem validar argumentos que associam o menor contágio à possíveis imposições de regimes centralizados, tendo em vista que estão incluídos na análise países capitalistas liberais como o Japão e a Coreia do Sul.

Para a pesquisa, a questão das densidades populacionais urbanas foi uma das que motivou a investigação da propagação do vírus na cidade. Na pesquisa empírica, logo vimos que Barra da Tijuca e Campo Grande estão entre os bairros menos densos da cidade do Rio de Janeiro, com os Índices de Desenvolvimento Social de 2010 respectivamente entre os mais altos e os mais baixos (o IDS, elaborado pela Prefeitura do Rio de Janeiro incorpora ao IDH, do Censo do IBGE de 2010, oito indicadores relativos à moradia, saneamento e renda). E se mantiveram entre aqueles com maior contágio e número de óbitos por um extenso período da pandemia. Vale observar também que nestes dois bairros específicos a votação no ex-presidente negacionista predominou. Casos como estes nos indicam que, para além de aspectos da localização, características específicas de um bairro determinaram sua posição no “ranking de contágio” em 2020; tanto dados sociais de renda, faixa etária e ocupação, quanto os contextos culturais aí existentes.

Consideramos que outros aspectos da forma-conteúdo da cidade presentes no bairro têm um papel na distribuição do vírus, como a forma urbana e estrutura espacial; as densidades construídas; a distribuição de equipamentos, espaços coletivos e públicos; e os fluxos e dinâmicas da cidade.

Durante a pandemia, a mobilização solidária, a observância ou inobservância das normas sanitárias e o isolamento ou não nos espaços públicos apontavam que as diferenças de contágio nos bairros tinham relação com as relações sociais ali presentes, com o habitus neles presentes. Se, inicialmente, os primeiros casos estavam nos bairros de maior renda, por conta da origem externa do vírus e dos contatos dos viajantes globalizados, o desenvolvimento do contágio seguiu outros caminhos.

As relações sociais e urbanas desiguais no Brasil foram absolutamente agudizadas e expostas pela pandemia. Em março de 2020 a primeira vítima fatal do coronavírus registrada no estado do Rio de Janeiro foi uma empregada doméstica, moradora de cidade do interior, que contraiu o vírus no trabalho em bairro de alta renda da cidade do Rio de Janeiro pelo contato com sua empregadora recém-chegada da Itália. Apesar das recomendações das autoridades sanitárias do Estado em relação ao distanciamento físico, a contaminação se deu pela continuidade na prestação de serviços.

Como se não bastasse a desigualdade social e de acesso a bens e serviços, a pandemia promove no Brasil um duplo curto-circuito de desorientação, que agrava seus impactos. O primeiro, como escreve Laura Carvalho (2020), se refere à incompatibilidade do roteiro político e econômico neoliberal do Planalto às urgências de enfrentamento do contexto de crise sanitária e seus desdobramentos, que requerem robustos aportes de recursos em medidas protetivas das mais diversas ordens. O segundo reside na desarticulação e na disputa de discursos entre entes federativos, expressas, por parte da União, na relativização das orientações emitidas pelas autoridades sanitárias; e por parte de estados e municípios, na promoção do distanciamento físico, de prestação de serviços e na condução das medidas restritivas de circulação - o que inclusive coloca em xeque o próprio pacto federativo. Fonseca et al. (2021) ressaltam estes conflitos entre os entes federais e governos locais, e, reconhecendo que o sistema político nacional "felizmente" permitiu que governos locais dessem respostas com base científica à COVID-19, em contraste com o negacionismo do presidente à época.

Dentre as primeiras iniciativas adotadas no combate à pandemia, a Organização Panamericana de Saúde (OPAS, s.d.) considerou que existiam três principais tipos de ações que poderiam ser tomadas: conter o vírus após sua introdução, por meio da detecção e isolamento de casos e do rastreamento de contatos; trabalhar com o setor de saúde para salvar vidas através da proteção dos profissionais de saúde e da organização de serviços para responder a um possível maior influxo de pacientes em estado grave; desacelerar a transmissão, por meio de uma abordagem multissetorial, entre outras.

Em contraponto ao recomendado pela ciência, surge um falso dilema entre economia e ciência, que defendia que se as atividades parassem a economia seria prejudicada. Este discurso predominou no Brasil a partir do populismo do governo federal e dos empregadores. Outro falso dilema foi mais repercutido por grupos e indivíduos: o dilema entre liberdade e controle social, que permeia discursos e comportamentos no mundo todo, ocorrendo

inclusive manifestações na Europa contra o uso de máscaras e contra o isolamento social. Importante notar que esta contraposição adveio de uma compreensão errônea de que as restrições às atividades e à circulação de pessoas teriam sido criadas por governos autoritários para o controle social. Como por exemplo na política de “zero covid” do regime chinês implementada na tentativa de conter a difusão de variantes muito mais contagiosas que a versão originária do Sars-CoV-2.

Até mesmo o filósofo italiano Giorgio Agamben (2020) inadvertidamente respaldou o discurso negacionista ao associar as políticas de saúde coletiva à noção de biopolítica e sua conexão com a exclusão e o biopoder dos estados de exceção. Isto vem a corroborar com o que Cocco (2022) observa: “o negacionismo de vários governos de extrema direita como o de Donald Trump nos Estados Unidos e de Jair Bolsonaro no Brasil indicava outras correlações: um descontrole da pandemia diretamente proporcional ao nível de autoritarismo e degradação da democracia” (s.p.). Naquele momento de difusão das teorias conspiracionistas, o autor verifica um paradoxo: governantes com aspirações autoritárias, como Trump e Bolsonaro, “negam o vírus e as medidas sanitárias, em nome da luta contra a ‘ditadura sanitária” (ibid. s.p.).

Estas discussões configuram a segunda questão central do trabalho: a correlação entre os graus de adesão política e/ou científica e o contágio. As políticas públicas de contenção ao vírus se dividiram entre divergências de operações conduzidas por diferentes níveis de governo e por agentes públicos com graus variáveis de adesão às medidas sanitárias. Um sistema complexo que envolveu grupos e instituições nacionais, agentes locais, instituições e governos locais, que aderiram ou não às evidências científicas da OMS; e vários centros de pesquisa nacionais e internacionais, em processos que envolviam técnicas epidemiológicas e de gestão pública.

O efeito dos discursos negacionistas do então presidente Jair Bolsonaro na propagação do vírus no país é objeto de algumas pesquisas. A tais discursos se somam uma sorte de iniciativas não fundamentadas, experimentos quase folclóricos, além do emprego, distribuição e comercialização de fármacos sem eficácia comprovada em escala nacional; o que no Brasil como um todo, se rebate em dimensões continentais.

Fonseca et al. (2021) discorreram sobre as mortes evitáveis durante a pandemia, com análise empírica de dados que demonstrou que, comparativamente, o país teve um número de óbitos por COVID-19 significativamente mais elevado do que o previsto pela sua vulnerabilidade demográfica subjacente. O estudo constatou, através da desagregação do discurso do ex-presidente, que “a negação ou marginalização do aconselhamento científico funciona politicamente para minar a legitimidade de conhecimentos científicos e instituições associadas– minando assim estas fontes alternativas de influência e poder”. Argumentaram, sobretudo, a partir dos números comparados de contágio em 2020 e da análise dos discursos, que “o presidente Bolsonaro minou a resposta do país e provavelmente exacerbou a epidemia”.

Ajzenman et al. investigam a relação entre as falas de Bolsonaro e o comportamento de risco (2021), utilizando dados de 60 milhões de celulares no país. Mostraram a relação entre eleitores de Bolsonaro em 2018 e exposição ao risco através da localização e movimentação dos usuários de redes de conexão virtual nos municípios que mais votaram no presidente Jair Bolsonaro (PL) no segundo turno em 2018, e apontaram que estas registraram as maiores taxas de mortalidade pela COVID-19. Também na escala nacional, correlacionando cidades, Xavier et al. (2021) fazem um estudo de base populacional sobre o envolvimento de fatores políticos e socioeconômicos na dinâmica espacial e temporal dos resultados da COVID-19 no Brasil. Eles apontam que os municípios que apoiaram o ex-presidente em sua eleição em de 2018 foram os que apresentaram as piores taxas de mortalidade por COVID-19, contrabalançando inclusive os índices socioeconômicos favoráveis nas cidades mais ricas, e concluem que a segunda onda da COVID-19 foi explicitamente moldada pela escolha partidária dos municípios.

Na escala de uma cidade, trabalhamos a partir de premissas similares com as diferenças dos dados epidemiológicos dos bairros, e com os dados eleitorais de cada bairro. Partimos da consideração de que uma maior adesão aos políticos com visões de negação da ciência representou um maior risco de contágio. Sobretudo, partimos do reconhecimento de que pode ser identificado nesses bairros um *habitus*, um modo de viver característico que encerra modos de conduta coletiva internalizados. Como define Bourdieu um sistema de repertórios de modos de pensar, gostos, comportamentos, estilos de vida, que pertence ao domínio coletivo de um grupo ou classe, internalizado subjetivamente pelos indivíduos, indicando ações a se exercer em suas relações sociais (ver Wacquant, 2017). Aqui, buscamos o que se infere do *habitus* pelas tendências no “comportamento pandêmico” nos espaços públicos, na observância às regras epidemiológicas da cidade, e nas votações eleitorais.

O propósito deste recorte da pesquisa, para além de compreender os impactos da pandemia nessas localidades de aspectos particulares, com diferenciadas estruturas morfológicas, biofísicas e sociais, é analisar aspectos da configuração do espaço urbano na distribuição da pandemia, os efeitos das adesões políticas no respeito às recomendações sanitárias nestes recortes espaciais, e as conjunturas de contato e convívio entre pessoas e grupos nos espaços públicos.

Aqui, apresentamos a metodologia empregada e em seguida um resumo de como a pandemia se deu nos bairros pesquisados, mostrando seus contextos epidemiológicos. Em seguida, o trabalho aprofunda a investigação nos bairros, focando nas dinâmicas urbanas, na mobilidade, no comportamento pandêmico e nos usos dos espaços públicos durante a pandemia.

## **METODOLOGIA**

As análises principais empreendidas neste trabalho se inserem em um recorte temporal específico que vai de do início da pandemia, do primeiro ano de 2020 caracterizado pela alta

letalidade e isolamento social, passando pelo ano de 2021, quando há a primeira dose da vacina e uma diminuição gradativa da pandemia no Brasil até 2022, quando variante do vírus causa um surto de da COVID-19. Aqui nos atemos a esboçar uma metodologia de enfoque deste recorte temporal, a reconstituir os cenários que se descortinavam, e a apresentar as análises então empreendidas, para depois contrastá-las com o presente em uma leitura conjuntural mais ampla dos rumos da pandemia e sua relação com a leitura urbana proposta. O estudo, sob a ótica do urbanismo, busca estruturar uma metodologia de análise que localize, descreva e informe sobre fatos urbanos a partir da sua espacialidade. O desenvolvimento do trabalho se deu através da combinação de um conjunto de problematizações e revisões bibliográficas precedentes, embasadas por investigações quantitativas e qualitativas já efetuadas, dando à continuidade da ampliação e aplicação das lentes e procedimentos propostos.

A pesquisa em que este trabalho se insere busca compreender as correlações entre diferentes características dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, como: centralidades e fluxos, densidades, forma e dinâmicas urbanas, usos e apropriações dos espaços públicos, taxas de propagação do vírus e ações de solidariedade. A operacionalização da pesquisa se dá primeiramente, na escala da cidade, a partir de um tratamento estatístico dos dados disponíveis, calculando os dados proporcionais sobre o contágio e óbitos (PCRJ, 2021; PCRJ-Data.Rio, s.d.) e uma identificação da sua distribuição espacial. Foram coletados regularmente desde maio de 2020 os dados epidemiológicos disponibilizados pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro referentes aos casos e óbitos confirmados em todos os bairros da cidade (PCRJ-Data.Rio, s.d.). A partir destes números absolutos obtidos, calculamos percentuais por bairro, estimamos letalidades, situamos a situação pandêmica no contexto nacional e global, contextualizamos a situação pandêmica nacional e global, e entrecruzamos os dados urbanos. Para as análises quantitativas se utiliza do período inicial da pandemia, que vai até 15 de março de 2021; nesta data se completou um ano desde a declaração do início da pandemia. Este também configura um período em que a vacinação não havia se difundido para a grande maioria da população da cidade.

Buscamos identificar os fatores que preponderam na contenção ou disseminação do contágio e para tanto adotamos a correlação de Pearson, através da qual examinamos a relação entre duas variáveis da pesquisa, para medir a relação linear. O coeficiente de relação indica se as variáveis têm uma correlação, se esta é forte ou fraca e em que direção vai. Podemos interpretar que se o coeficiente é próximo de zero (menor do que 0,1), não há correlação; de 0,1 a menor que 0,3, há uma fraca correlação; de 0,3 a menor que 0,5, há uma correlação mediana; de 0,5 a menor que 0,7, há uma correlação alta; e de 0,7 a 1 há uma correlação bem alta. Quando as variáveis crescem ou diminuem juntas, há uma correlação positiva e se for inversamente, é negativa. Portanto, a análise espacial é dedutiva, e aos dados urbanos, epidemiológicos e sociodemográficos são cotejados os dados eleitorais (TSE/ RJ).

Selecionamos então recortes espaciais significativos para o aprofundamento das análises. A escolha deste conjunto de bairros na Grande Jacarepaguá (GJ) se deveu à sua proximidade, mas também à diversidade dos aspectos urbanos presentes ali. Há grandes variações nas gradações e intensidades nos índices de desenvolvimento social, na renda, nas densidades urbanas, nos graus de integração urbana, nos fluxos e dinâmicas sociais.

Para os bairros aqui tratados, foi feito um refinamento destes dados para a acuidade dos resultados, sendo as correlações retraçadas na escala local das duas regiões administrativas consideradas (a Região Administrativa de Jacarepaguá e a da Cidade de Deus). Note-se que em maio de 2024 houve uma modificação de bairros neste território, com a criação do bairro Barra Olímpica, que subtrai partes do bairro de Jacarepaguá, na Região Administrativa do mesmo nome e do bairro do Camorim, na Região Administrativa da Barra da Tijuca (ADEMI, 2024). Como consideramos os dados sociais, epidemiológicos e demográficos disponíveis, adotamos o período anterior a maio de 2024, quando o formato dos dados epidemiológicos, demográficos e eleitorais disponíveis no período de interesse, de março de 2020 a março de 2022 corresponde àquele da definição anterior dos bairros.

Na investigação das três questões centrais do trabalho, metodologias qualitativas e quantitativas se alternam. Primeiro, para entender a forma urbana, dados quantitativos urbanos e sociais se agregam à cartografia que mostra a estrutura, as centralidades e dinâmicas urbanas e aponta para a distribuição espacial dos aspectos urbanos. Segundo, para compreender o impacto dos discursos negacionistas na disseminação do vírus, levantamos os dados eleitorais de 2018 e 2022; e por fim, optamos por adotar os dados da eleição presidencial de 2022. Isto se deveu a uma compreensão do processo histórico da política nacional. Os eleitores do ex-presidente JMB em 2022, teriam menos críticas à condução da pandemia e maior adesão ao negacionismo científico, que desconsiderou ou mesmo combateu as medidas sanitárias.

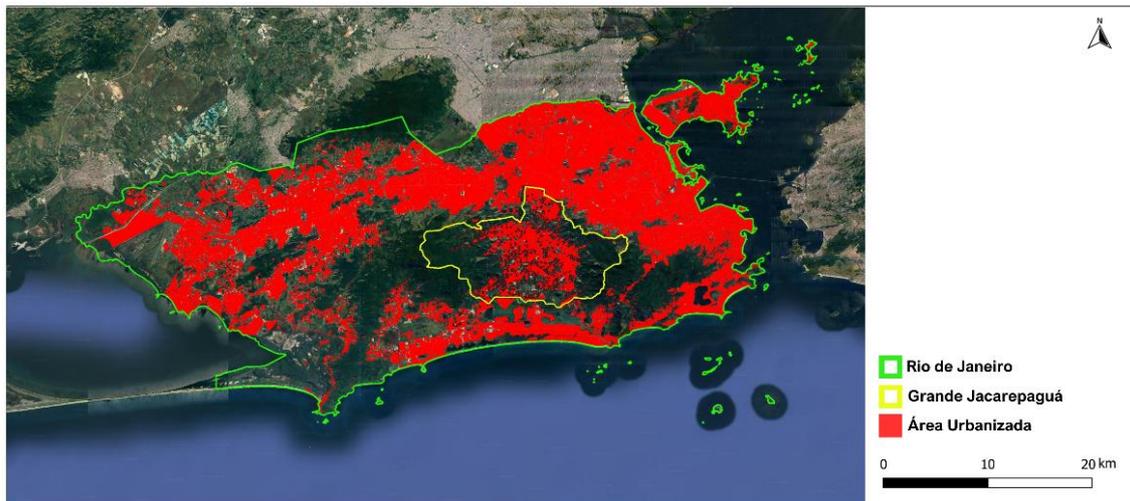
E por fim, a terceira questão da pesquisa, que corresponde a outros aspectos da metodologia adotada, é buscar como se deu a vida social na pandemia. Esta está diretamente ligada aos usos e apropriações dos espaços públicos e coletivos e à sua disponibilidade e distribuição. As circunstâncias de contato e convívio entre pessoas e grupos são afetadas ainda por cortes de renda, trabalho, faixa etária, gênero e outros dados, e ligadas às condições da mobilidade urbana e da habitação. Aqui, esboçamos alguns destes aspectos através das notícias e registros iconográficos e diversas mídias. Identificamos também as centralidades de cada bairro, os pontos de aglomeração e espaços públicos e coletivos principais de cada bairro, uma investigação sobre os usos e apropriações destes na pandemia será estendida aos novos bairros da pesquisa, e refinada nos anteriores.

## **4 O RECORTE ESPACIAL - FORMA E CONTEÚDO SOCIAL**

Trabalhamos com um conjunto de bairros que partilha da mesma situação excepcional em relação ao restante da cidade do Rio de Janeiro, delimitado pelas barreiras fisiográficas de

montanhas, lagoas e mangues, e sendo impactado pela passagem para o litoral. No mapa a seguir podemos notar que esta área é ocupada e se caracteriza por um relativo isolamento em relação a outras áreas continuamente ocupadas da cidade (fig. 01). Denominamos este recorte espacial como “Grande Jacarepaguá”, um nome informal que identifica um território que até os anos de 1980 compunha um só bairro.

**Fig. 01: Área urbanizada da cidade do Rio de Janeiro, com destaque para o recorte espacial da “Grande Jacarepaguá”.**

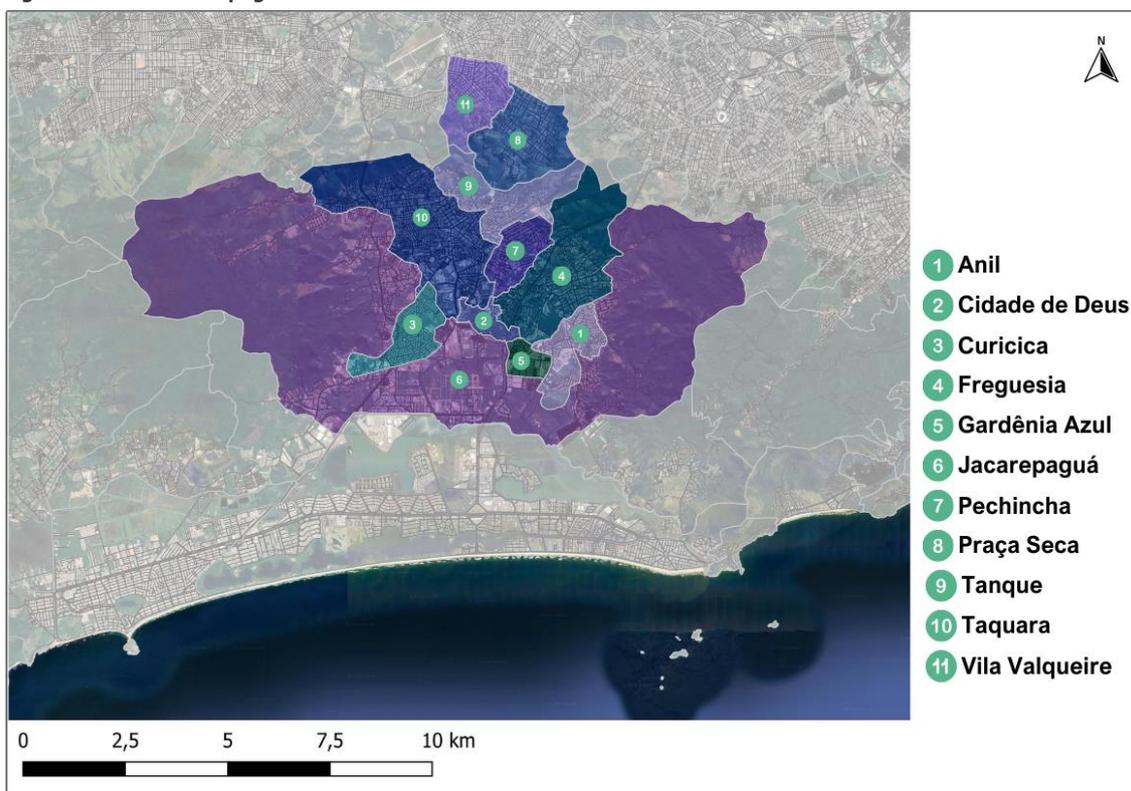


Fonte: Elaborado pelos autores com dados da PCRJ-SIURB (s.d.) sobre Google Maps e QGIS, versão 3.38., 2024.

O recorte faz parte da Baixada de Jacarepaguá, que corresponde a duas Regiões Administrativas, de Jacarepaguá e Cidade de Deus. Seu território se estende das encostas dos maciços montanhosos em que se situam as Floresta da Tijuca e da Pedra Branca às áreas de solo de manguezal e alagáveis junto às Lagoas de Jacarepaguá e da Tijuca. A Grande Jacarepaguá inclui os seguintes bairros: Anil, Cidade de Deus, Curicica, Freguesia, Gardênia Azul, Jacarepaguá, Pechincha, Praça Seca, Tanque, Taquara e Vila Valqueire, é o que denominamos de Grande Jacarepaguá (ver fig. 02).

Essa Baixada se divide em duas partes, separadas por lagoas: ao sul, a Região Administrativa da Barra da Tijuca, que se estende junto ao mar e a oeste; e ao norte, as de Jacarepaguá e Cidade de Deus, entre lagoas e montanhas. A diferenciação entre estas duas partes se deu pela ocupação em tempos históricos bem distintos. Ao Norte, o sítio com disponibilidade de água doce e melhores acessos por terra às áreas mais centrais da cidade, foi sucessivamente definido por sesmarias, freguesias e bairros a partir do século XVI. Os antigos engenhos de açúcar e áreas agrícolas geraram gradativos povoamentos e foram sucedidos por outras atividades e modos diversos de ocupação urbana, bairros “tradicionais”, favelas e condomínios.

Fig. 02- Grande Jacarepaguá e seus bairros.



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da PCRJ-SIURB (s.d.) sobre Google Maps e QGIS, versão 3.38., 2024.

O processo de urbanização das áreas historicamente conformadas por espaços rurais, em linhas gerais, teve início a partir do Plano Lúcio Costa, de 1969, que para além da definição do que se pretendia como um novo Centro Metropolitano, planejou ao norte regiões para o estabelecimento e expansão de atividades industriais, de agricultura de pequena escala e/ou subsistência, e territórios de vilegiatura. Ao Sul, na Região da Barra da Tijuca, o padrão de urbanização implementado acabou por conformar grandes condomínios exclusivos, horizontais e verticais, com baixas taxas de ocupação das quadras, como nos processos de suburbanização estadunidenses, aliado à presença do mar como um fator de valorização do solo urbano, o que fez com que o bairro da Barra da Tijuca se tornasse um espaço de grande interesse para o mercado imobiliário a partir dos anos 1970. Nessa região, há certa diversidade de traçados, tendo em vista a existências de ocupações que precedem aquelas derivadas do plano modernista de Lúcio Costa, como o bairro Jardim Oceânico, que remete a um desenho urbano tradicional.

O processo de valorização destes territórios e a necessidade de conexão da Barra da Tijuca às demais áreas da cidade justificaram inúmeras intervenções urbanas na baixada. Nas últimas décadas, foram privilegiados acessos rodoviários norte-sul que cortaram com vias expressas e corredores de transporte os bairros de Jacarepaguá (Linha Amarela, 1997; Transolímpica e Transcarioca, 2016) e ampliaram as conexões de Jacarepaguá e Barra as demais zonas da cidade. Para além destes investimentos, a implantação do Sistema de *Bus Rapid Transit* (BRT) e a exponencial expansão das atividades do mercado imobiliário na região, repercutiram em

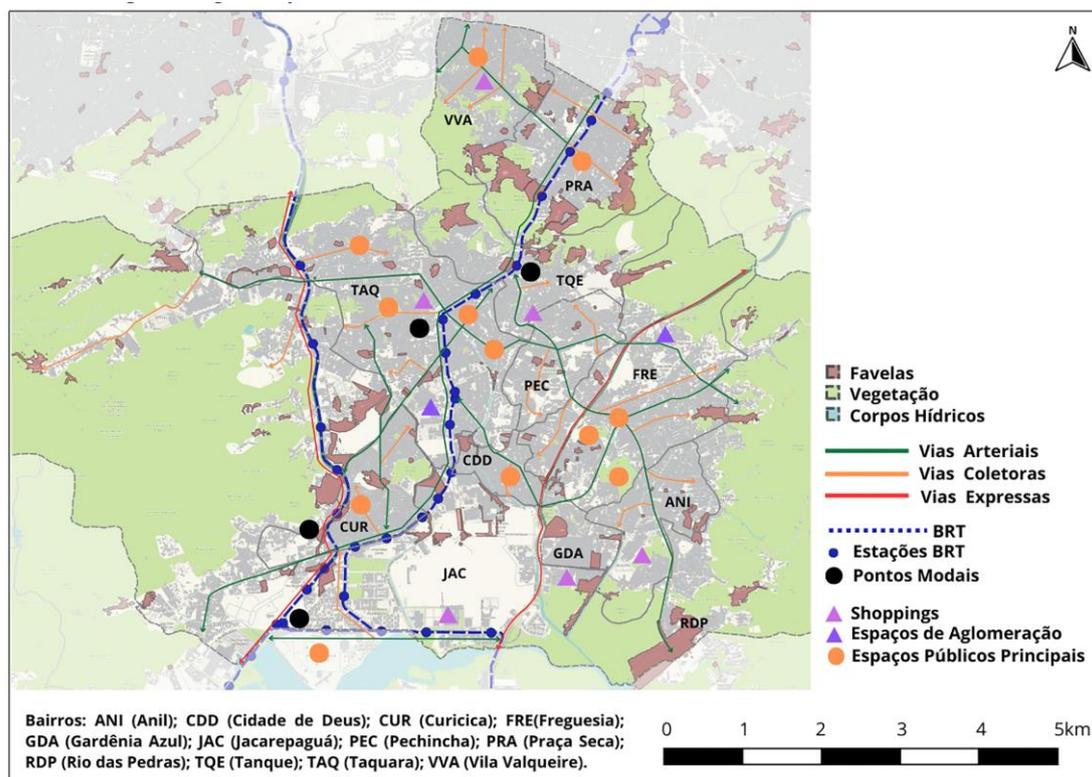
uma gradativa e contínua conversão de sua condição de relativo distanciamento e isolamento das demais regiões da cidade e de sua região metropolitana na conformação de um território-suporte de importantes infraestruturas que operam diariamente expressivas dinâmicas de fluxos. A Grande Jacarepaguá pode ser compreendida como um importante território de fluxos da metrópole.

Os bairros sobre os quais nos debruçamos aqui possuem semelhanças e diferenças que identificamos como representativas para a investigação comparativa que temos desenvolvido, visando elaborar uma problematização que articule espaço urbano, contágio pelo novo coronavírus, e posicionamento político-eleitoral. A diversidade e presença de distintos estratos de renda, em uma miríade de formas de ocupação que conforma um complexo mosaico de bairros constituídos por vias expressas, vazios urbanos, áreas industriais obsoletas e em atividade, áreas urbanizadas de traçado tradicional europeu, favelas, áreas de proteção ambiental, dentre outras, em um contexto de franco incremento populacional identificado nos dados do último Censo Demográfico do IBGE (2022), evidente na observação da transformação da paisagem, situa a Grande Jacarepaguá como importante e necessário lugar de análise nas frentes de entendimento das relações entre espaço, sociedade e crises sanitárias.

Na Figura 3, um mapa síntese da Grande Jacarepaguá indica as florestas a leste e norte, os corpos d'água, os limites das principais favelas que se distribuem por toda a GJ, e uma hierarquia viária nesta escala. É possível observar os fluxos viários principais que atravessam a GJ no sentido norte-sul, dando acesso à Barra da Tijuca. Indicamos os principais fluxos e pontos de aglomeração, que são *hotspots*, lugares onde a vida pública e coletiva é mais intensa, mas lugares que representam riscos mais elevados na pandemia, especialmente no período inicial, de maior letalidade. São estes os maiores centros comerciais, praças e largos, pontos modais e também os terminais do BRT.

Estes *hotspots* correspondem também à centralidades de bairro, como os Largos da Freguesia e Taquara, e a Praça Delfos, no bairro de Curicica. Estes são os lugares com maior diversidade de usos do solo, maior mobilidade ativa, que estabelecem conexões com fluxos e atividades em diversos níveis, e com o transporte de massa. Nestes espaços públicos centrais as fachadas são ativas e o fluxo de pedestres é intenso.

Figura 03: Grande Jacarepaguá - eixos de conexão e lugares de aglomeração.



Fonte: Autores, sobre dados de PCRJ-SIURB (s.d.) e QGIS, versão 3.38., 2024.

Em vários bairros da Grande Jacarepaguá predominam lotes unifamiliares de dimensões médias, que são áreas residenciais de classes de média a baixa renda, sendo que em diversos estratos sociais há condomínios horizontais ou fechamento de trechos urbanos cujo efeito urbano é similar ao da condominialização: a geração de extensas fachadas cegas e/ ou sem acesso. Estes têm o mesmo tipo de impacto na GJ dos muitos conjuntos habitacionais em baixa altura de meados do século passado, e das estruturas industriais em atividade ou desmontadas. Esta fragmentação do tecido urbano é reforçada pelas relativamente recentes intervenções viárias na região, as vias expressas e as vias exclusivas de transporte rodoviário de massa. Os mapas de figura e fundo a seguir exemplificam a diversidade e as distinções formais da produção do espaço e das ocupações nos bairros da Grande Jacarepaguá (fig. 04).

Em um trecho específico ao sul da GJ, junto às áreas olímpicas, a ocupação se distingue das áreas contíguas e do restante do recorte, não apenas pela forma urbana, mas também pelos dados sociais e de renda. Nestas áreas, de ocupação mais recente, os novos condomínios verticais seguem gabaritos mais altos, acompanhando a vizinha Barra da Tijuca. Os edifícios isolados, em grande altura, se conjugam a extensas áreas livres de edificação sem uma configuração legível, com parcelas do território como superfícies rodoviárias largas e impermeabilizadas; de pistas e estacionamentos. Restam ainda “vazios urbanos” extensos, alguns destes de em verdade áreas naturais degradadas de difícil construção devido aos solos de turfa característicos de áreas alagadiças.

Fig.04: Mapas de figura e fundo contrastando as áreas edificadas em trechos característicos dos 11 Bairros da Grande Jacarepaguá.



Fonte: Autores, sobre QGIS, versão 3.38., 2024).

Importante destacarmos que em maio de 2024, este trecho foi subtraído administrativamente do bairro de Jacarepaguá. Foi criado o bairro “Barra Olímpica”, composto por partes dos bairros de Jacarepaguá e Camorim, o que se constitui em uma mudança que notadamente atende à valorização da toponímia “Barra”, pela hipertrofia de referências da vizinha Barra da Tijuca, área desejável para novos empreendimentos imobiliários dos grupos sociais de maior renda. Como aponta o mercado imobiliário, “o bairro tem recebido um alto volume de investimentos governamentais” e há ali um *boom* de lançamentos (ADEMI, 2024). Do ponto de vista biofísico, a Barra Olímpica se situa nas bacias dos rios de Jacarepaguá ao norte da Lagoa. Este trabalho adota a delimitação administrativa anterior dos bairros. Mas isto não se dá por conta de uma discussão sobre os critérios desta nova divisão, e sim pelo fato de que os dados sociais, epidemiológicos e demográficos disponíveis no período de interesse, de março de 2020 a março de 2022 correspondem àqueles da definição anterior dos bairros.

A área subtraída administrativamente do bairro de Jacarepaguá contém condomínios verticais e conta com índices sociais mais elevados do que os demais bairros do recorte espacial. Ela corresponde a uma área de grande crescimento na cidade, com a diferença de população entre 2010 e 2022 de +34,04% (IBGE 2010 e 2022).

A observação da dinâmica demográfica nas escalas metropolitana, municipal e local pode dar indícios de importantes processos de deslocamento de moradores, com significativos rebatimentos sobre Jacarepaguá (ver tabela 01). A comparação dos dados dos Censos demográficos do IBGE de 2010 e 2022 para a RMRJ e para o município do Rio de Janeiro demonstra redução de população em ambos. Os mesmos dados para os bairros de Jacarepaguá aqui abordados apresentam expressivos acréscimos em algumas localidades, com destaque para o Anil, Jacarepaguá, Gardênia Azul e Pechincha, e alguns decréscimos, em que chamam a atenção os dados relativos à Cidade de Deus. Na média, a região sob análise apresenta um incremento de população de 6,57%. Considerando o município e sua região metropolitana em um contexto de redução demográfica, esta realidade deve ser levada em conta ao tratarmos do contágio pela COVID-19 e das eleições. Aquilo que parece caracterizar um fluxo intermunicipal e/ou intrametropolitano positivo de moradores para Jacarepaguá pode ser associado a uma maior atividade de setores ligados à produção do espaço construído, os quais não interromperam suas atividades durante a pandemia, quer considerando o mercado formal, quer o informal.

Cabe citar que há em muitos dos bairros do recorte espacial um grande percentual de áreas de favela (IBGE, 2022), como pode ser observado na tabela 01. Destacamos a de Rio das Pedras, no bairro de Jacarepaguá, que é hoje a terceira maior favela do país (IBGE, 2022). A favela cresceu somente 1,58%, mas sua população, de mais de 55 mil habitantes, corresponde a um quarto do bairro de Jacarepaguá.

## **ASPECTOS DA PANDEMIA E A GRANDE JACAREPAGUA**

Apresentamos aqui resultados da análise empreendida nas escalas da cidade e da Grande Jacarepaguá, e algumas das discussões decorrentes que esboçam uma compreensão de como a intensidade da pandemia se diferenciou em diferentes territórios da cidade. O esforço empreendido pela pesquisa visa problematizar a relação entre (1) a densidade populacional e outros aspectos da forma urbana, (2) adesões políticas, que são escolhas da gestão no controle social e de indivíduos nas ações cotidianas e (3) os aspectos sociais e as relações que se estabelecem nos espaços públicos disponíveis.

**Tabela 01- Crescimento Populacional dos Bairros da Grande Jacarepaguá.**

Local	População em 2022	Diferença percentual da população entre 2010 e 2022	Percentual da população em favela (2010)	IDS - 2010
Anil	31.895	24,21%	33,90%	0,632
Cidade de Deus	30.576	-16,26%	12,78%	0,498
Curicica	29.038	-6,90%	33,47%	0,552
Freguesia	75.912	7,12%	6,51%	0,640
Gardênia Azul	20.490	13,54%	49,16%	0,570
Jacarepaguá*	217.462	34,04%	45,58%	0,554
Pechincha	37.487	7,41%	4,44%	0,653
Praça Seca	63.158	-1,54%	35,65%	0,607
Tanque	36.217	-4,34%	22,84%	0,595
Taquara	107.809	5,27%	9,29%	0,612
Vila Valqueire	34.024	5,13%	6,90%	0,647
Cidade do Rio de Janeiro	6.320.446	-1,73%	-	0,609
Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro	12.232.682	-1,72%	-	-

Fonte: Autores, sobre dados de PCRJ, 2021; PCRJ-Data.Rio (s.d.) e IBGE (2010 e 2022)

**Tabela 02- Dados urbanos, epidemiológicos e eleitorais dos Bairros da Grande Jacarepaguá.**

Bairro	População em 2022	Casos confirmados por 100 mil habitantes (15/03/21)	Óbitos confirmados (15/03/21)	Densidade por Bairro - Área Urbanizada (hab/ha) (2022)	Percentual final de votos válidos em Bolsonaro (2022)	IDS - 2010
Anil	31895	3897	117	111,120	53,99%	0,632
Cidade de Deus	30576	2974	110	242,615	44,78%	0,498
Curicica	29038	3545	101	102,545	58,26%	0,552
Freguesia	75912	2622	247	120,708	49,52%	0,640
Gardênia Azul	20490	4407	73	174,444	49,64%	0,570
Jacarepaguá*	217462	1340	284	53,983	54,48%	0,554
Pechincha	37487	2816	126	155,070	52,53%	0,653
Praça Seca	63158	3560	197	141,101	52,97%	0,607
Tanque	36217	2119	121	112,066	54,58%	0,595
Taquara	107809	6781	409	102,737	57,32%	0,612
Vila Valqueire	34024	5123	122	111,657	59,30%	0,647

Fonte: Autores, sobre dados de PCRJ, 2021; PCRJ-Data.Rio (s.d.) e IBGE (2022); Datapédia, s.d.; TSE, 2022.

## DENSIDADE E FORMA URBANA - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre a forma urbana, primeiramente, buscamos entender se a densidade demográfica é uma variável que interfere no número de casos de Covid-19. Na escala da cidade, contrastamos os dados da densidade da Área Urbanizada (hab/ha) de 97 bairros (considerados significativos na data escolhida) a partir de dados da Prefeitura da Cidade (PCRJ, 2021) com o número de casos absolutos, considerando o Censo IBGE de 2022 e a data de 15/03/2021 (PCRJ-Data.Rio), antes da vacinação se disseminar. Adotando-se a correlação de Pearson, confirmamos que não há uma relação direta entre densidade e casos, pois o coeficiente obtido atesta uma correlação próxima que tende a zero, quase ausente ( $r = 0.0547$ ). Isto se coaduna com o que observamos em outros bairros da cidade, pois há vários bairros com baixa densidade e alto contágio, mas também há alto contágio em bairros mais densos. Embora a correlação em si seja inexistente, ressaltamos que esta constatação desmonta as explicações simplistas sobre a relação entre densidade populacional e contágio.

A maioria dos bairros da Grande Jacarepaguá tem densidade populacional por volta de 110 habitantes por hectare, que reflete a horizontalidade dos mesmos. Gardênia Azul, Praça Seca e Pechincha, porém, têm maiores densidades, entre 140 a 174 hab/ha, similar a de bairros da Zona Norte da cidade, mais antigos (e alguns destes mais centrais). Na Gardênia Azul, bairro em que metade da população mora em favelas, a densidade urbanizada é de 144 habitantes por hectare. Na Cidade de Deus, conjunto habitacional com ocupações de favela e baixo IDS, a densidade é a mais alta: 242 hab/ha. O bairro de Jacarepaguá, por sua vez, de baixíssima densidade, mesmo com o crescimento excepcional entre o Censo IBGE de 2010 e o de 2022, de mais de 70 mil moradores; tem hoje 65 habitantes por hectare, destoando dos bairros vizinhos. O que é surpreendente é que a enorme Favela de Rio das Pedras, nele situada, tem uma densidade populacional de 958 habitantes por hectare. Na escala do recorte espacial da Grande Jacarepaguá, a correlação permanece quase inexistente (de valor  $r=0.0847$ ). O gráfico de dispersão ilustra esta ausência de correlação, não há uma linearidade dos dados (fig. 5)

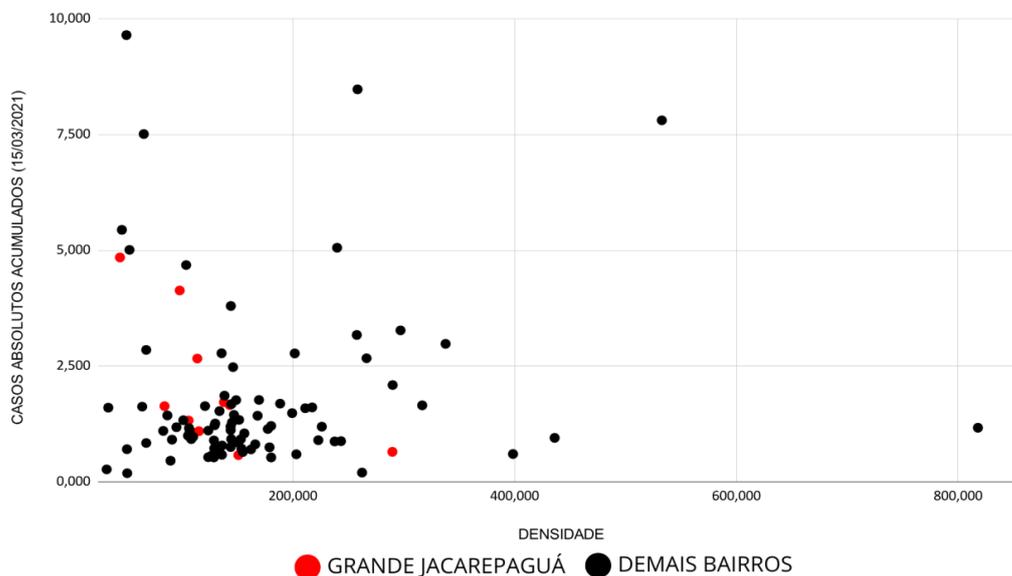
Além da densidade populacional, há outros elementos da forma e estrutura urbana que podem interferir na transmissão do vírus, especialmente por sua influência na realização das atividades cotidianas, dos fluxos e permanências nos espaços comuns. A disponibilidade de espaços públicos de convívio e de equipamentos públicos pode facilitar os afastamentos espaciais.

Outro aspecto, que é premente na área estudada, é a mobilidade, diretamente ligado às infraestruturas urbanas implantadas e às políticas públicas de controle dos serviços de transporte. Em 2020 houve uma redução da frota de veículos em circulação, devido ao isolamento social que incluiu o fechamento de grande parte das atividades urbanas presenciais; lembrando que nos primeiros meses estas eram apenas as consideradas essenciais. Porém, foi observado que a diminuição da frota se deu bem além destas reduzidas demandas por transporte público, e não acompanhou as gradativas medidas de flexibilização das normas.

Este é um aspecto premente na área estudada. Na Grande Jacarepaguá, o BRT, sistema de transporte de massa implantado há pouco mais de dez anos, opera em corredores exclusivos, mas depende de terminais/estações que conjugam várias linhas. Estas estações já tinham problemas de superlotação antes da pandemia, quando a redução da frota na GJ foi drástica. As mídias registraram seguidas vezes a superlotação tanto dos ônibus quanto dos terminais do BRT. Segundo a Casa Fluminense (2021), cerca de 45% da frota estava em circulação, em desacordo com o mínimo exigido pelas regras públicas da concessão deste serviço onde se determina que haja pelo menos 80% dos veículos em circulação e 20% em reserva técnica. Destacamos que, para impedir a disseminação da pandemia, não basta haver infraestrutura implantada, são necessárias políticas públicas de controle dos serviços de transporte.

Além disso, não podemos deixar de apontar que, embora a correlação entre a densidade populacional e os votos negacionistas seja inexistente na cidade, no bairro da GJ esta é moderada e negativa. Ou seja, na Grande Jacarepaguá, quanto menos densa a área, mais votos no ex-presidente JMB no segundo turno de 2022, e vice versa (o valor do coeficiente de relação foi de -0.4405).

**Figura 5: Gráfico Casos absolutos acumulado (15/03/ 2021) e Densidade por Bairro- Área Urbanizada (hab/ha) em 97 bairros da cidade (2022)**



Fonte: Autores, sobre dados de PCRJ, 2021; PCRJ-Data.Rio, s.d.; IBGE, 2022; Datapedia, s.d. e TSE, 2022.

## ELEIÇÃO - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um dado cultural mensurável e quantificável por bairro é a adesão política. A observação do posicionamento político-eleitoral dos moradores dos distintos bairros da Baixada de Jacarepaguá, expresso aqui no voto no segundo turno das eleições presidenciais de 2022, cotejado às incidências de contágio por COVID-19, nos orienta à organização de alguns apontamentos e à elaboração de reflexões que articulam as dimensões espacial, ideológica e sanitária da vida naquela região da cidade.

Foi observado que há uma forte correlação entre o número de casos e os votos no ex-presidente JMB, principal opositor às medidas de isolamento social. Este aspecto indica a princípio a presença de eleitores que tenderiam a se comportar como o então governante do país, e assim não respeitar as medidas sanitárias e de isolamento social, necessárias para conter o vírus. O coeficiente desta correlação é bem alto, se aproximando de um, nas duas escalas, da cidade e do recorte espacial, respectivamente  $r=0.7377$  e  $r=0.7072$ . As figuras 6 e 7 demonstram este resultado visualmente. Isto significa que, nos bairros da cidade, houve mais casos de Covid-19 onde se verifica maior número de eleitores do ex-presidente na eleição seguinte, em 2022.

Na Grande Jacarepaguá, o ex-presidente ganhou em 2022, como era esperado. Porém, perdeu em três bairros, Cidade de Deus, Freguesia e Gardênia Azul. Mas a grande surpresa eleitoral foi ter perdido na Favela de Rio das Pedras, tida como reduto de eleitores do ex-presidente (TSE, 2022).

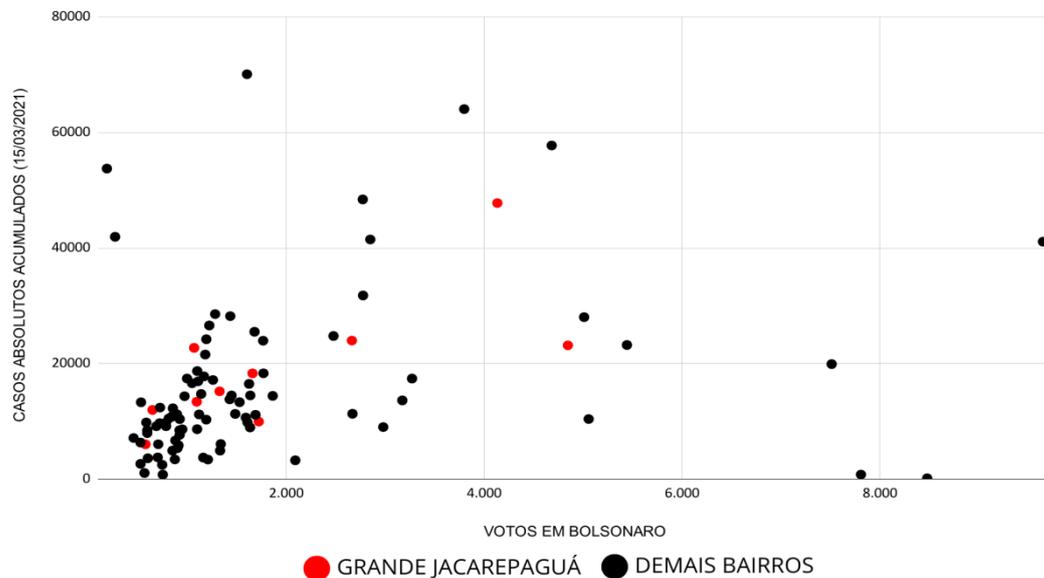
A maior taxa de contágio em bairros em que Bolsonaro venceu se deu em um território no qual residem estratos de baixa e média renda: 20,56% - em Curicica. Já a maior taxa de contágio em bairros em que Lula venceu acontece em território popular: 15,18% - na Cidade de Deus, sendo 5,33 pontos percentuais, menor que a taxa para eleitores de Bolsonaro.

Lembrando que a pandemia não limitou a chegada de novos moradores na GJ; e pode, inversamente, ter promovido uma elevação de deslocamentos. Valor da terra e de bens imobiliários relativamente mais acessíveis em comparação a outras regiões da metrópole, diversificados agentes atuando na produção imobiliária (entre estes o crime organizado), e a continuidade no lançamento de novos empreendimentos (obras e entrega de novas unidades), podem ter colaborado para o incremento da população na Grande Jacarepaguá.

Vale lembrar que a construção civil foi enquadrada na categoria de serviço essencial, não suscetível às limitações sanitárias que impuseram suspensões de atividades a diversos setores produtivos. Portanto, a crise sanitária não teve reflexos visíveis sobre a atividade produtiva da construção civil. Inversamente, houve na área uma franca expansão dos empreendimentos imobiliários no período.

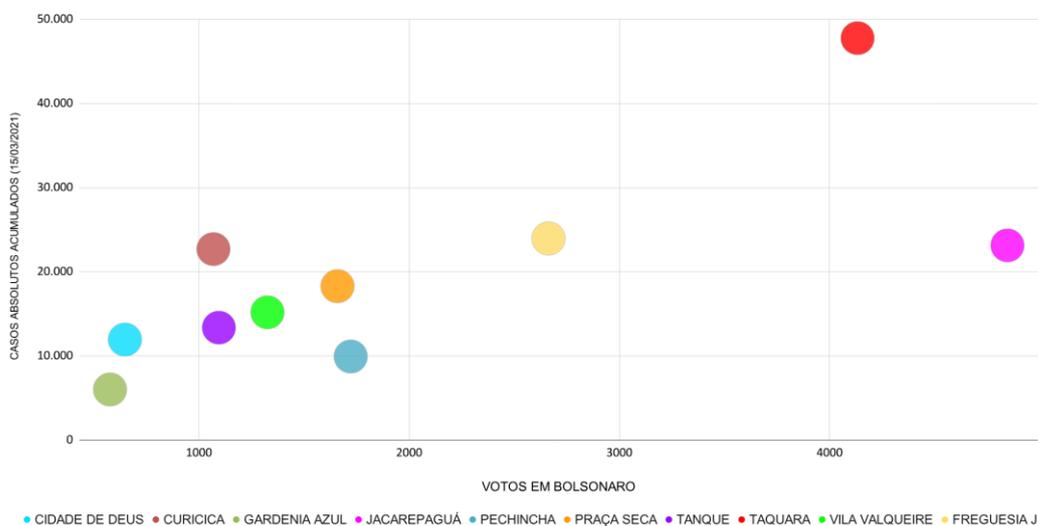
Em 2020, os discursos pela abertura de serviços e comércio foram apoiados tanto pelo governo federal quanto pelo prefeito da cidade do Rio de Janeiro. Assim, embora tenha

Figura 6: Gráfico Casos absolutos acumulados (15/03/ 2021) e Votos em JMB em 97 bairros da cidade (2022)



Fonte: Autores, sobre dados de PCRJ- Data.Rio, s.d.; IBGE, 2022; Datapedia, s.d.; e TSE, 2022.

Figura 7: Gráfico Casos absolutos acumulados (15/03/ 2021) e Votos em JMB em bairros da Grande Jacarepaguá (2022)



Fonte: Autores, sobre dados de PCRJ- Data.Rio, s.d.; IBGE, 2022; Datapedia, s.d.; e TSE, 2022.

havido o fechamento de atividades e uma liberação gradativa ao longo do ano, havia pressões constantes. A não interrupção da construção civil demonstra esta contraposição entre economia e pandemia. Hur et al. (2021) ressaltam “que as práticas necropolíticas do presidente não decorrem de uma sandice, ou traços personalistas, pois são diretamente

resultantes da axiomática do capital. A lógica neoliberal passa a gerir as distintas populações do mesmo modo, numa composição criação-destruição” .

Outra questão diz respeito ao local de votação. Novos moradores tendem a retardar, ou simplesmente não realizar a migração de seus lugares de votação, repercutindo no registro dos bairros com grandes populações e números de eleitores relativamente reduzidos. Estes tendem a se localizar em territórios alinhados aos seus estratos sociais, de modo que há uma manutenção do status quo socioeconômico dos bairros, mesmo destes estejam em processo de expansão. Considerando uma média significativamente positiva do recente incremento de habitantes nas localidades estudadas, ainda não nos foi possível precisar a interferência deste incremento no resultado eleitoral por bairro, no que se refere à vitória de Lula ou Bolsonaro. Contudo, trata-se de importante fator, pois nos bairros onde houve incremento populacional entre o Censo de 2010 e o de 2022 do IBGE, há maior taxa de contágio. Anil e Jacarepaguá, por exemplo, tiveram um percentual de dois dígitos de crescimento populacional. A única exceção é Gardênia Azul, bairro em que metade da população reside em favelas, que cresceu 13,54%, mas onde JMB foi derrotado.

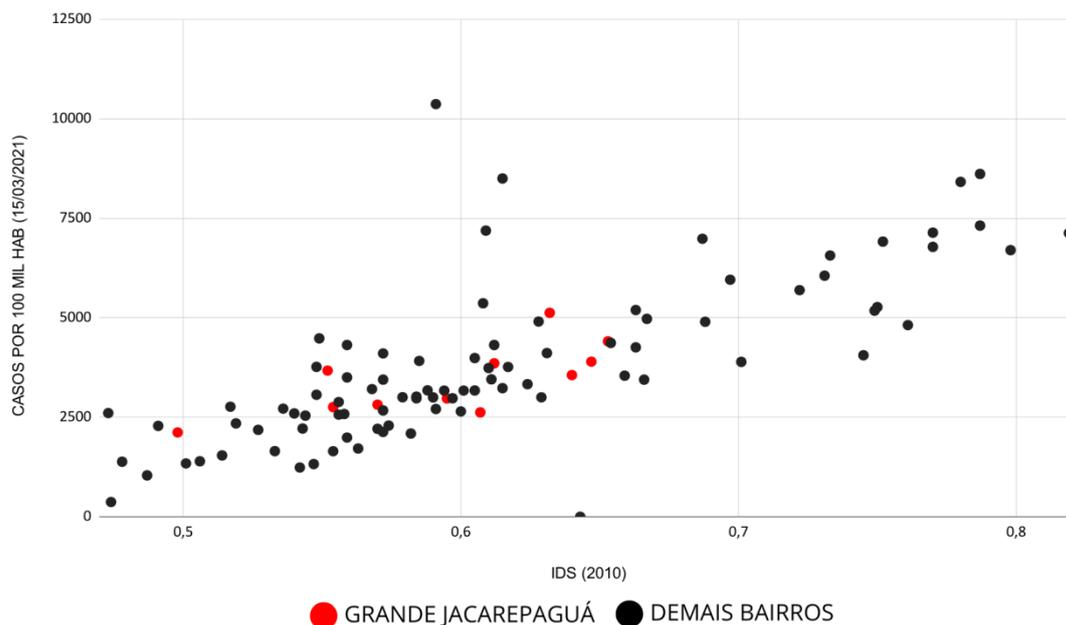
## IDS SOCIAL - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Investigando alguns dos aspectos sociais dos bairros que podem ter interferido na difusão do vírus, consideramos que o comportamento pandêmico associado a visões políticas corresponde a um fator essencial. Em outras áreas da cidade, a pesquisa conduziu entrevistas, observações de usos dos espaços públicos durante a pandemia e depois, nas mídias. Na Grande Jacarepaguá, encontram-se nas mídias registros de desobediência às regras sanitárias em vários momentos da pandemia, que indicam a necessidade de aprofundamentos da pesquisa em cada bairro.

Quanto à correlação entre Índice de Desenvolvimento Social e pandemia, há uma fraca correlação na Grande Jacarepaguá, o coeficiente de correlação entre casos confirmados (em 15/03/2021) e o IDS (de 2010) é de 0.2711, ou seja, fracamente positivo. No conjunto de 97 bairros da cidade estudados, esta correlação é praticamente reproduzida, com o valor de 0.2711. Em outras palavras, há uma leve tendência de que os bairros com maior IDS tenham mais casos. Cabe lembrar que as grandes favelas e complexos de favelas da cidade, onde se supunha (diante do negacionismo vigente) que haveria subnotificação, contaram com uma contagem paralela de casos. Na Grande Jacarepaguá, este foi o caso de Rio das Pedras e várias outras favelas.

Na escala da cidade, a partir do acompanhamento dos dados epidemiológicos, pudemos observar as inúmeras conjunturas tornaram os bairros mais ou menos resilientes ao longo da pandemia. Para compreender este processo, elaboramos uma linha do tempo que associa ao gráfico de casos graves e óbitos da Prefeitura (PCRJ- Data.Rio, s.d.) os principais eventos da pandemia entre março de 2020 e janeiro de 2022, entre estes: o início do

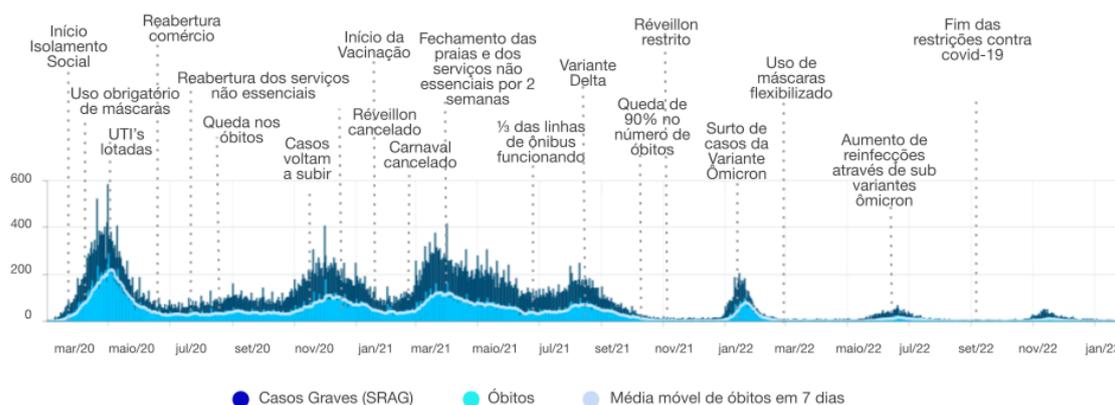
Figura 8: Gráfico Casos por 100 mil hab (15/03/ 2021) e IDS em 97 bairros da cidade do Rio de Janeiro (2022)



Fonte: Autores, sobre dados do IPP- DATA.Rio, s.d.; IBGE, 2022; Datapedia, s.d.; e TSE, 2022

isolamento social, os sucessivos fechamentos e aberturas do comércio e dos serviços não essenciais, o cancelamento de grandes festas comemorativas, como o réveillon e o carnaval de 2021, o início da vacinação e os surtos de casos das variantes Delta e Ômicron ( figura 09). Foi possível notar que o Plano de Flexibilização das medidas de isolamento social implementado pela Prefeitura impactou, em vários momentos, na propagação do vírus.

Fig. 09- Retrospectiva da Pandemia na cidade do Rio de Janeiro- gráfico dos casos e óbitos na cidade, conjugados aos principais eventos e ocorrências na pandemia



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do Painel Rio COVID-19 (PCRJ-Data.Rio, s.d.) e de dados coletados na imprensa

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos elaborar algumas reflexões baseadas nas associações entre forma espacial, conteúdo social, orientação política-eleitoral e contágio pelo novo coronavírus em um conjunto de onze bairros da Baixada de Jacarepaguá (Anil, Cidade de Deus, Curicica, Freguesia de Jacarepaguá, Gardênia Azul, Jacarepaguá, Pechincha, Praça Seca, Tanque, Taquara e Vila Valqueire), localizada na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, em uma delimitação aqui denominada por Grande Jacarepaguá. As iniciativas empreendidas se inserem em um recorte temporal específico que vai do início da pandemia, em 2020, até 2021.

No recorte espacial da Grande Jacarepaguá, as diferenças encontradas entre estes bairros coadunam com os argumentos e verificações da pesquisa em tela, reforçando a unidade urbana de bairro como escala significativa para a investigação de processos socioespaciais e simbólicos nas cidades. Identificamos na diversidade de situações geográficas deste território uma oportunidade fecunda e representativa para a investigação comparativa que temos desenvolvido, em delimitação que se revela como representativo de dinâmicas urbanas e socioculturais da cidade, e como microcosmos de questões urbanas atuais. As correlações da cidade ali se reproduzem. Há uma complexa miríade de fatores operando e produzindo uma paisagem síntese, e uma metáfora da cidade contemporânea capitalista neoliberal em robusto contexto de disputas. Na Grande Jacarepaguá tudo é disputa. As narrativas em favor e contra à ciência no enfrentamento da COVID-19, o controle dos territórios entre distintos agentes do crime, e destes com o Estado, o espaço público sob investidas de uma vigorosa indústria imobiliária, e a terra urbana submetida ao controle de todas essas forças.

Nas análises em que são associados densidade e contágio, os resultados obtidos para a Grande Jacarepaguá, assim como para os demais bairros do município do Rio de Janeiro, demonstram não haver correlação entre tais fatores, desmobilizando recorrentes argumentos que visam simplificar a relação entre cidade e crise sanitária, creditando os problemas de propagação e os caminhos de enfrentamento no combate à densidade urbana.

Em relação à orientação ideológica aqui compreendida pela expressão dos votos, as correlações alcançadas demonstram maior incidência de contágio nas populações dos bairros em que Bolsonaro venceu, indicando possível reprodução de comportamentos antagônicos aos preconizados pela ciência, por aderência às posturas negacionistas do presidente e demais representatividades, sobretudo da direita e extrema direita, comprometidos com a manutenção do funcionamento das atividades econômicas em pronta defesa dos setores produtivos.

A influência do discurso negacionista na propagação do vírus se coaduna com os estudos efetuados em 2021 na escala do país, tendo como variáveis os dados das cidades (Fonseca et al.; Ajzenman et al.; e Xavier et al.).

O Índice de Desenvolvimento Social não demonstrou correlação com o contágio, reiterando a complexidade do entendimento da relação espaço-sociedade-pandemia para além de

estratificações sociais. É necessário entender o *habitus* dos bairros, e para isso, compreender como se dão ali as ideias diversas de vida pública, e suas relações com a renda, modos de habitar, o convívio nos espaços públicos, os fluxos e atividades. Mas também significa entender as relações entre esses e a configuração urbana, a presença de espaços livres públicos, condomínios, territórios vulneráveis ou informais, e outras tipologias espaciais.

A questão das densidades urbanas – construídas, populacionais e domiciliares – é extremamente relevante para o planejamento urbano, e no contexto da recente pandemia, indispensável para a compreensão desse momento da história recente. Mas as análises do habitat humano não se podem reduzir a dados e parâmetros da forma urbana que são fixos; os fluxos, a conjuntura política, o senso coletivo e público e a vida social foram aspectos relevantes para a propagação do vírus e para a sua contenção, como apontaram os dados (ourworldindata, 2020).

Este contraponto entre densidade e pandemia se refere também às discussões sobre a resiliência urbana, do ponto de vista ambiental: cidades compactas têm menor consumo de carbono e territórios naturais, e a dispersão traz indiscutíveis deseconomias ambientais e sociais, como o aumento dos deslocamentos motorizados. Sobre as maiores densidades, aliás, além da maior eficiência no uso da terra, há outras vantagens como a maior eficiência na oferta de infraestrutura e a presença de maior controle social, que também podem favorecer o controle de pandemias.

A pandemia, apesar dos avanços técnicos, científicos e informacionais, imprimiu contingências em parte comparáveis às crises sanitárias e epidemias do século XIX e princípios do século XX, que então foram catalisadoras de reformas urbanas higienistas, da construção de equipamentos de saúde nas cidades, da criação de órgãos públicos de saúde pública, e também de controle social. Note-se que, no contexto da cidade do Rio de Janeiro, em 1903, a “haussmanização” empreendida pelas reformas de Pereira Passos (1903-1905) tanto representava modernização e expansão imobiliária da cidade, através da ampliação das escalas urbanas e implantação de infraestruturas; quanto incluía na ideia de “higienismo” a segregação das classes sociais pela remoção das moradias populares nas áreas centrais.

De todo modo, entender o percurso e os efeitos da pandemia nas cidades significa buscar contribuir para ações mitigadoras em eventos futuros, e isso é um complexo desafio.

Portanto, a noção de *habitus*, de Pierre Bourdieu, é central para a pesquisa: um sistema de repertórios de modos de pensar, gostos, comportamentos, estilos de vida, que pertence ao domínio coletivo de um grupo ou classe, internalizado subjetivamente pelos indivíduos, indicando ações a serem exercidas em suas relações sociais (ver Wacquant, 2017). Os aspectos simbólicos, os valores e significados dados ao bairro e aos seus espaços públicos, bem como os comportamentos sociais identificados durante a pandemia têm relação direta com estes sistemas coletivos introjetados, e afetam diretamente um dos aspectos relevantes para o campo da arquitetura e urbanismo: os usos e apropriações dos espaços, que transformam, adaptam, ressignificam e causam intervenções nos espaços públicos.

## REFERÊNCIAS

ACIOLY, Cláudio; DAVIDSON, Forbes. Densidade urbana: um instrumento de planejamento e gestão urbana. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

ADEMI. Mais novo bairro do Rio, Barra Olímpica tem boom de lançamentos. ADEMI News, 08 jul. 2024. Disponível em: [ademi.org.br/mais-novo-bairro-do-rio-barra-olimpica-tem-boom-de-lancamentos](https://ademi.org.br/mais-novo-bairro-do-rio-barra-olimpica-tem-boom-de-lancamentos). Acesso em: 15 nov. 2024.

AGAMBEN, Giorgio et al. Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. Disponível em: [bit.ly/sopadewuhan](https://bit.ly/sopadewuhan). Acesso em: 30 set. 2020.

AJZENMAN, N.; CAVALCANTI, Tiago; DA MATA, Daniel. More than Words: Leaders' Speech and Risky Behavior during a Pandemic. *American Economic Journal-Economic Policy*, v. 15, n. 3, p. 351-371, 2023.

CARVALHO, Laura. Curto-Circuito: o vírus e a volta do Estado. São Paulo: Todavia, 1ª Ed., 2020.

CASA FLUMINENSE. DOT 2 - Casa Fluminense. Disponível em: [casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2021/04/DOT-2-CASA-FLUMINENSE-versao-2.pdf](https://casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2021/04/DOT-2-CASA-FLUMINENSE-versao-2.pdf). Acesso em: 23 out. 2024.

COCCO, Giuseppe. A catástrofe das equivalências: a controvérsia Nancy-Agamben. *Estadão: Caderno Estado da Arte*, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/filosofia/catastrofe-equivalencias-nancy-agamben-coco/> Acesso em: 15 nov. 2024.

DATAPEDIA. s.d. Disponível em: [datapedia.info](https://datapedia.info). Acesso em: 15 nov. 2024.

FONSECA, Elize Massard da; NATTRASS, Nicoli; LAZARO Lira Luz Benites; BASTOS Francisco Inácio (2021) Political discourse, denialism and leadership failure in Brazil's response to COVID-19, *Global Public Health*, 16:8-9, 1251-1266. Disponível em: [www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17441692.2021.1945123?journalCode=rgph20&#abstract](https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17441692.2021.1945123?journalCode=rgph20&#abstract)

HUR, Domênico Uhng; SABUCEDO, José Manuel; ALZATE, Mónica. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. *Rev. Psicol. Polít.*, São Paulo, v. 21, n. 51, p. 550-569, ago. 2021. Disponível em: [dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8093422](https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8093422) Acesso: 22 nov. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: [censo2022.ibge.gov.br](https://censo2022.ibge.gov.br). Acesso em: 15 nov. 2024.

MAYA-MONTEIRO, Patricia; MARINO, Francisco; RUFINO, Wagner. Ligações Perigosas – notas sobre a forma espacial e o conteúdo social na análise das taxas de contaminação de COVID-19 em bairros da cidade do Rio de Janeiro. In: Anais do PLURIS 2021. 9º Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável. Bauru: UNESP/FAAC, 2021. Disponível em: [pluris2020.faac.unesp.br/home](http://pluris2020.faac.unesp.br/home). Acesso em: 15 nov. 2024.

OPAS. 2023. OMS declara o "fim" da pandemia em 2023. Disponível em: [paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente](http://paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente). Acesso em: 15 nov. 2024.

OURWORLDINDATA. 2022. Disponível em: [ourworldindata.org](http://ourworldindata.org) Acesso em: 15 nov. 2024.

PCRJ. Bairros Cariocas. 2021. Disponível em: [data.rio/apps/bairros-cariocas/explore](http://data.rio/apps/bairros-cariocas/explore). Acesso em: 03 set. 2021.

PCRJ- Data.Rio. Painel Rio Covid-19. s.d. Disponível em: [experience.arcgis.com/experience/38efc69787a346959c931568bd9e2cc4](http://experience.arcgis.com/experience/38efc69787a346959c931568bd9e2cc4). Acesso em: 03 maio 2024.

PCRJ- SIURB. Sistema Municipal de Informações Urbanas. s.d. Disponível em: <https://siurb.rio/portal/home/index.html> Acesso em: 03 maio 2024.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; ROCHA, Paulo Henrique; TRINDADE, Hugo. Uma geografia decolonial da pandemia: um olhar sobre o ano de 2020. *Ensaios de Geografia*, v. 9, n. 19, p. 39-65, 2022. Disponível em: [https://periodicos.uff.br/ensaios\\_posgeo/article/view/53043/33493](https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/53043/33493). Acesso em: 15 nov. 2024.

ROLNIK, Raquel. (2020). Circulação para trabalho explica concentração de casos de Covid-19, *Labcidade / USP*. 2020. Disponível em: [www.labcidade.fau.usp.br/circulacao-para-trabalho-inclusive-servicos-essenciais-explica-concentracao-de-casos-de-covid](http://www.labcidade.fau.usp.br/circulacao-para-trabalho-inclusive-servicos-essenciais-explica-concentracao-de-casos-de-covid)

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

TSE-RJ, s.d. Tribunal Superior Eleitoral. s.d. Disponível em: [sig.tse.jus.br/](http://sig.tse.jus.br/) Acesso em: 15 nov. 2024.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. *Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*, v. 14, 2017. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2459>. Acesso em: 15 nov. 2024.

XAVIER, Diego Ricardo et al. Involvement of political and socio-economic factors in the spatial and temporal dynamics of COVID-19 outcomes in Brazil: A population-based study. The Lancet Regional Health – Americas, Volume 10, 100221.